

"Um vermelho que nos é próprio"

um ensaio sobre *Vermelho Guanabara* de Andréa França

É comum que os nossos olhos e sentidos, ao comparar imagens do passado do Brasil e de alhures, traduzam o contraste inequívoco como uma espécie de espelho partido. Lá as máquinas são criadas, lá o cinema é indústria, lá as cidades são de fato modernas. Aqui, as máquinas são importadas, o cinema é artesanal, as cidades tentam, a muito custo, se modernizar. No caso das sinfonias das cidades brasileiras, podemos considerar como um exemplo desse espelho partido o longa "São Paulo, Symphonia da Metrópole" (1929), de Rodolpho Lustig e Adalberto Kemeny. Os letrados enaltecem a "soberba cidade" de São Paulo, uma cidade já fabril, com bairros urbanizados, brinquedos, carros, eletricidade. Mas algo escapa desse progresso, ainda ansiado. Na dinâmica do cinema e os seus gestos de vanguarda, o experimento brasileiro ainda depende dos anúncios da Secretaria de Estado, a cavação que propagandeia hotéis e do enaltecimento das figuras ilustres. Algo destoa, portanto, da sinfonia que lhe foi inspiração.

Se essa relação deficitária é uma espécie de *parti pris* consciente ou inconsciente do nosso olhar, "Vermelho Guanabara", ao juntar sinfonias das cidades, e construir uma que lhe tem ritmo próprio, parece enunciar que as imagens são, afinal de contas, imagens. Não que elas sejam destituídas de história e não tragam formas do corpo social que lhes deram origem, mas existe algo no olhar que precisa ser retomado e posto em movimento quando revisitamos essas imagens do começo do século XX. Ao invés da falta, ver a energia, conjugar os detalhes que cada imagem-documento traz sobre o seu tempo, dando corpo ao imaginário que permeava a vida das mulheres e dos homens que habitaram aquele tempo-espço. A imagem e a vida vivida através dela, antes de tudo.

No curta, a sinfonia é montada no jogo com filmes diversos, que circulam entre "Nova York e Rio", e a forma em díptico e o recurso a uma rica variedade de imagens estáticas como anúncios, notícias de jornal, relações de passageiros a bordo do Zeppelin, um cardápio de um restaurante da moda, vão reanimar a vida dessa cidade que, já de partida, "nunca vai ficar direita". O Rio de Janeiro também é posto em movimento com uma trilha sonora que se move em gestos diversos: ora o som é ambiente, fazendo a vida saltar da tela, em outros momentos ele é dissonante, encerra de forma abrupta a fruição.

Essa cidade que vai sendo recriada pela montagem em duas telas conjuga espaços diferentes e cria comentários, mas se vale também de um gesto típico da época que essas imagens foram criadas: a cidade é vista em panorama, criando geografias contíguas, dando a ver a Baía de Guanabara e o fluxo dos bondes nos Arcos da Lapa.

E o que dizer da beleza de uma Ilha Fiscal em tingimento amarelo? Dos lindos letreiros em azul do grande cineasta da época, Alberto Botelho? Do Canal do Mangue em amarelo e rosa, nos tons do cinema silencioso? E os fogos de artifício cintilantes? As cores dos tingimentos e das viragens do cinema silencioso muitas vezes recebiam nomes de acordo com o tom dramático que davam à cena como *Inferno*, para um vermelho intenso, e *Nocturne*, para a noite. Outros nomes designavam uma origem inspiração, como o *Prussian Blue*. A sinfonia de "Vermelho Guanabara" parece justamente criar uma nova cor dentro dessa cartela do cinema silencioso, dando ritmo e beleza ao que nos é próprio. Um olhar mais amplo, posto em movimento, afinal.

Lila Foster

Lila Foster é pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília. Doutora pela ECA-USP, mestre em Imagem e Som pela Universidade Federal de São Carlos e formada em Filosofia pela Universidade de São Paulo (FFLCH - USP). Articulando pesquisa histórica e preservação audiovisual, o seu trabalho concentra-se no levantamento da produção amadora e de filmes domésticos no Brasil. Trabalhou como catalogadora na Cinemateca Brasileira, participou do programa de estágios em preservação e curadoria audiovisual da Haghefilm Foundation (Amsterdã). Como curadora, atuou nos festivais Curta 8 - Festival Internacional de Cinema Super 8 de Curitiba e (S8) Mostra de Cinema Periférico (A Coruña, Espanha), Mostra de Cinema de Tiradentes e da Mostra de Cinema de Ouro Preto.